

Tudo pronto para a festa da leitura

SEVERINO FRANCISCO

O mito de que brasileiro não gosta de ler parece ter tomado o subdesenvolvimento mental do Jeca Tatu como arquétipo da raça e a preguiça de Macunaíma como categoria metafísica. Nada disto corresponde inteiramente aos fatos. O Plano Cruzado fulminou este mito. Nunca se leu ou pelo menos nunca se consumiu tantos livros. E as feiras do livro vêm se repetindo com um crescente sucesso de público, mesmo dentro de um quadro de acirrada crise econômica. A partir de hoje, às 17 horas, no Centro de Convenções, estará aberta ao público a terceira maior livraria do País, com 600 metros quadrados de prateleiras, 70 mil títulos, distribuídos por 80 estandes, na VII Feira do Livro.

Da mesma forma que ocorre

em outros eventos do gênero, o frequentador habitual das livrarias talvez não encontre grandes novidades na Feira. Mas a grande vantagem serão os descontos. Todas as livrarias oferecem descontos de, no mínimo, dez por cento. Mas, este ano, com o arrocho salarial e a inflação estratosférica, os livrelros pretendem atrair o público com boas pechinchas e muita movimentação em torno da literatura infanto-juvenil, um dos pontos fortes do evento.

O grande boom da Feira do Livro ocorreu no ano do Plano Cruzado, 1986, quando o número de frequentadores dobrou em relação ao ano anterior — informa Vitor Moreira, proprietário da Livraria Eldorado e presidente da Câmara do Livro no Brasil Central: "Infelizmente, não existe um registro preciso de quantas pessoas frequenta-

ram a Feira do Livro neste período", comenta Vitor.

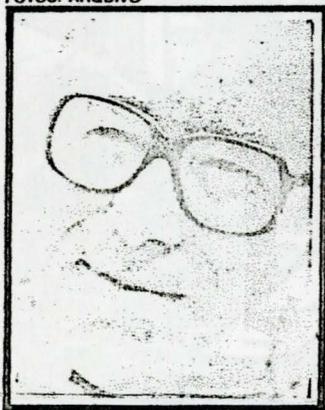
No ano passado, um público de 45 mil pessoas passou pelo Centro de Convenções. E, para este ano, Victor faz uma estimativa de um público de 50 mil pessoas e uma venda de aproximadamente 120 mil exemplares. Participam 16 livrarias e 7 editoras, e várias representações de órgãos públicos, como CNPq, IBGE, Embrapa, Fundação Educacional, IYL, Instituto Nacional do Livro, Editora da UnB, FAE, Cenagra, entre outros. Todas as livrarias importantes da cidade participam desta VII Feira do Livro: Livraria Presença, A Casa do Livro, Livraria Rodoviária, A Nossa Livraria, Livraria Eldorado, Musimed, entre outras. A Feira é uma promoção da Associação de Bibliotecários do DF e da Câmara do Livro do Brasil Central.

Atrações para todos os gostos

FOTOS: ARQUIVO

Ana Maria Machado, José Cardoso Pires, Zuenir Ventura e Aguinaldo Silva. Confirmados, Rita Lee, Adélia Prado, Roberto Drummond, Oswaldo França Junior. Talvez. Este é o quadro das atrações e/ou das prováveis atrações desta VII Feira do Livro. O português José Cardoso Pires chega ao Brasil com o lobo muito alto para lançar o seu *Alexandra Alpha*, publicado pela Companhia das Letras, recebido pela crítica como uma obra-prima. José Cardoso Pires divide a reputação de mais importante escritor contemporâneo português com José Saramago, o autor de *Jangada de Pedra*.

Cardoso Pires se considera "à esquerda", mas nem por isto deixa de espicaçar, em seu último romance, as mazelas de uma certa "esquerda festiva", que passou a ocupar a cena depois da Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974, que derrubou a ditadura cinquentária de Salazar. "Enquanto o político está satisfeito, o escritor nunca pode estar satisfeito, por melhor que o país esteja". E sobre *Alexandra Alpha*, o crítico Leo Gilson Ribeiro afirmou: "José Cardoso Pires sobressai como possivelmente o maior escritor português em um país de reviravolta e efervescência literária atual". Através da história de uma diretora de marketing e publicidade da multinacional "Alpha Linn", José Cardoso Pires arma uma metáfora de Portugal, temperada pelo humor exasperado e pela ironia afiada de lucidez. O lançamento do li-



Cardoso Pires



Ana Maria Machado

vro de Cardoso Pires será realizado, na terça-feira, dia 25, no estande da Casa do Livro.

Tropical Sol da Liberdade, de Ana Maria Machado, e *1968: O Ano Que Não Terminou*, de Zue-

nir Ventura, fazem o contraponto da ficção e do ensaio jornalístico em duas abordagens sobre o vulcão dos anos 60. Ana Maria Machado é bastante conhecida, sobretudo pelos textos dirigidos especialmente ao público infanto-juvenil. Mas, antes de tudo, ela faz boa literatura. Fatos, evocações, fantasmas são projetados em uma narrativa de ritmo violento, sob a sensibilidade de uma mulher. *Tropical Sol da Liberdade* será autografado no dia 29, na Livraria A Casa do Livro.

Em 1968: O Ano Que Não Terminou, o jornalista Zuenir Ventura faz uma espécie de arqueologia jornalística dos personagens e das idéias que movimentaram os tumultuados anos 60, agora já com distanciamento brechtiano de 20 anos. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, Zuenir Ventura diz que escreveu o livro para confirmar uma hipótese: a de que o ano de 1968 foi excepcional. Uma das conclusões de Zuenir é de que a geração de 68 era falida do ponto de vista político. Mas, de qualquer maneira, ela fez uma revolução cultural. E qual é a base desta revolução cultural? "É a postura ética", diz Zuenir Ventura. Essa geração provou, primeiro, que pode e deve haver ética e paixão na política". E mais na Presença: Aguinaldo Silva lança o seu último livro, *Lili Carabina* e o mineiro Antonio Barreto autografa na Feira, o seu *Vastafala*, que ganhou o Prêmio de Poesia na Bienal Nestlé de Literatura.